

# Reflexões sobre o Processo de Descentralização e Formação de Novas Centralidades na Cidade de Uberlândia/MG<sup>1</sup>

Vitor Ribeiro Filho<sup>2</sup>

Lidiane Aparecida Alves<sup>3</sup>

## Introdução

O espaço urbano é constituído por uma estrutura territorial, representada pela área central, subcentros, bairros residenciais, fábricas que mantêm inter-relação entre si. Além disso, essa estrutura mostra-se articulada à estrutura não territorial, mas ideológica, política e econômica. Nesse sentido, conforme atentou Soja (1993), para compreensão da estrutura e organização do espaço urbano, as relações sócio-espaciais devem ser concebidas de formas dialeticamente inseparáveis.

As formas e funções do espaço urbano são produzidas pelas relações sociais nele desenvolvidas. Assim, a cidade é o resultado das ações sociais, e, ao mesmo tempo palco de reprodução dessas relações, sendo que as mudanças urbanas seguem as estratégias dos agentes transformadores do espaço urbano, que interagem e produzem múltiplos espaços desiguais. Na medida em que é produzido e reproduzido de acordo com os interesses de seus agentes produtores, o espaço urbano apresenta-se, dessa forma, como uma “contradição concreta” que traduz os contra-sensos presentes na sociedade, onde alguns são privilegiados enquanto outros são excluídos.

O espaço urbano é meio, bem como instrumento para a reprodução do capital, sob essa perspectiva Corrêa (2005), considera que o espaço urbano capitalista é constituído por diversos usos de solo que podem ser vistos materializados em diferentes formas espaciais. Os múltiplos usos de solo mostram-se simultaneamente fragmentados e articulados pela ação dos agentes sociais que promovem fluxos de mercadorias, pessoas, capitais, poder, ideologias entre outros. O espaço urbano é também reflexo e condicionante social, uma vez que este reproduz em suas formas espaciais as diferenças sociais e econômicas, sendo que essas formas condicionam as classes e as relações produtivas. Neste sentido, o espaço urbano compõe-se lugar de vida e reprodução da sociedade. Portanto, este é um espaço passível da ocorrência de desigualdades e mutabilidade.

Dessa forma, a estrutura e organização da cidade mostram-se em constante dinâmica de acordo com os propósitos dos agentes sociais em cada contexto histórico e temporal. Cabe destacar também, conforme atentado por Villaça (2001), considerando as diferentes periodizações, que processos gerais e urbanos estão inter-relacionados, cuja interrelação é refletida no conteúdo social do centro que define a estrutura urbana.

A consolidação do modo capitalista de produção e do processo de industrialização possibilitou o incremento da urbanização. O modo capitalista de produção, que visa à maximização dos capitais, permitiu que o processo de industrialização fosse intensificado para suprir os novos anseios da sociedade baseada no consumismo. Com a industrialização, cresceu se a urbanização, pois na medida em que as indústrias instalam-se em determinada área, conseqüentemente são atraídos grandes contingentes populacionais pela possibilidade de se conseguir emprego neste

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa contou com o apóio do CNPq – Edital 02/2006 Universal.

<sup>2</sup> Professor doutor do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. [vitor.f@terra.com.br](mailto:vitor.f@terra.com.br).

<sup>3</sup> Graduanda em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. [lidianeaa@yahoo.com.br](mailto:lidianeaa@yahoo.com.br)

setor. Dessa forma, ocorre o crescimento, bem como a dinâmica dessa área é modificada em múltiplos aspectos; em relação ao centro urbano, por exemplo, surgirão novas atividades de comércio e serviços para atender as necessidades da população emergente, além disso, as áreas não centrais também passam por transformações a partir da concretização do processo de descentralização.

Santos (1994) ao analisar a urbanização brasileira destaca o fortalecimento da mesma após a segunda guerra mundial. O autor coloca que em 1940 a taxa de urbanização era de 26,35%, em 1980 alcança 68,86%, e entre os anos de 1980 e 1990, a população urbana deve haver aumentado em mais de 40%. Dessa forma, já na década de 1970 a população urbana era maior que a população rural, pois uma parte da população agrícola possui a residência na cidade.

Assim, devido à ocorrência da urbanização de maneira concentrada em determinadas regiões formando ilhas de desenvolvimento com grandes concentrações populacionais nas metrópoles conforme observou Santos (1994), a partir da década de 1970, visando atenuar problemas como: o desequilíbrio regional, a redução da qualidade de vida nas grandes cidades e a frágil hierarquia urbana, busca-se pelo desenvolvimento das cidades de porte médio.

De acordo com Amorim Filho e Serra (2001) desenvolvimento das cidades médias recebeu grande apoio dos órgãos públicos oficiais, e foi pautado pela tese da reversão da polarização<sup>4</sup> consubstanciada pelo processo de desconcentração e descentralização espacial da população e das atividades econômicas, a fim de garantir o bom funcionamento do sistema capitalista.

Esse forte desenvolvimento das cidades médias possibilitou a ocorrência, de transformações em âmbito interurbano, como a valorização das cidades médias perante a hierarquia urbana; e de modificações na estrutura intra-urbana dessas cidades, pela instalação de novas centralidades, as quais são representadas pelos subcentros, eixos comerciais, áreas especializadas e shopping centers.

As transformações políticas e econômicas – como o neoliberalismo – traduzem, também, em reestruturações intra-urbanas. Nesse sentido, a concretização do processo de descentralização, por meio do surgimento das novas centralidades, se explica pela busca do acúmulo de capitais.

Nesse contexto, o presente estudo objetiva analisar a dinâmica do espaço urbano de Uberlândia-MG a partir da descentralização das estruturas comerciais e da formação das novas centralidades, a fim de contribuir com os estudos referentes à organização interna do espaço urbano das cidades médias.

Para alcançar o objetivo proposto neste estudo, fez-se necessária a utilização de diversos procedimentos metodológicos. Inicialmente, foi imprescindível a realização de pesquisas bibliográficas, a fim de se obter um maior conhecimento teórico – sobre os processos de urbanização, caracterização das cidades médias e da cidade de Uberlândia/MG, sobre os processos de descentralização e formação de novas centralidades-, para proporcionar embasamento às análises da temática. Para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais em livros, artigos científicos, monografias, teses e dissertações, os quais foram lidos e analisados.

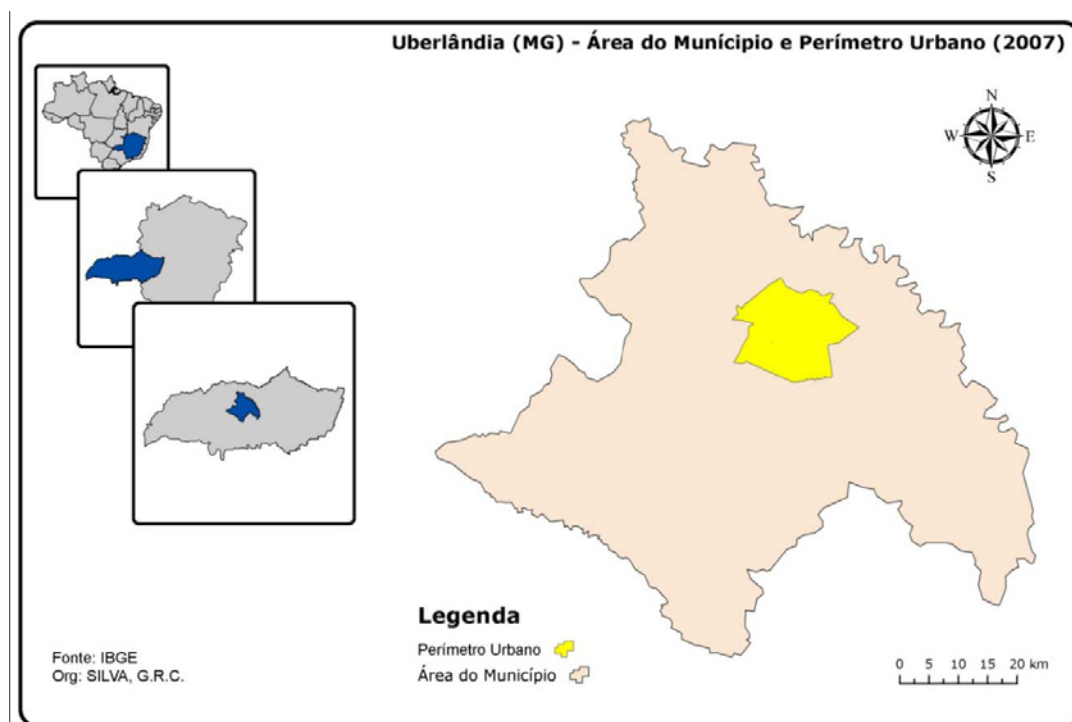
---

<sup>4</sup> A reversão da polarização seria um mecanismo automático de desconcentração das atividades econômicas das grandes cidades para as cidades de porte médio. Assim, ocorreria a metropolização no período de consolidação estrutura produtiva, e na medida em que surgissem as deseconomias de aglomeração, tais como altos custos sociais, proibitivos, econômicos e saturação de atividades nas metrópoles, daria início o processo de desconcentração das atividades econômicas. Ainda de acordo com essa tese, as cidades mais próximas às metrópoles apresentariam maior crescimento em relação àquelas localizadas mais distantes (AMORIM FILHO e SERRA, 2001).

O passo seguinte foi à realização de visitas em campo. De posse dos dados levantados em campo, foi possível realizar a sistematização e análise dos mesmos, propiciando a redação do presente estudo.

### Caracterização Geográfica da área de estudo

O município de Uberlândia localiza-se na porção oeste na mesorregião do Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba<sup>5</sup> no Estado de Minas Gerais, Mapa 1. São municípios limítrofes de Uberlândia, Araguari, Monte Alegre de Minas, Prata, Indianópolis, Uberaba e Veríssimo. Em média, os principais centros urbanos da região sudeste e centro-oeste do país distam 500 km de Uberlândia.



**Mapa 1: Uberlândia- MG: Localização do município e da área urbana.**  
**Fonte: Miranda, 2008.**

De acordo, com dados da Prefeitura Municipal de Uberlândia – PMU apud Ferreira (2002) Uberlândia possui um raio de influência de 250 Km, numa área de 200.000 Km<sup>2</sup>, cuja área, conta com uma população de 2.000.000 habitantes. Sendo, portanto, segundo o IBGE uma Capital Regional influenciada por São Paulo.

Com uma área de 4.115,8 Km<sup>2</sup>, dos quais 219 Km<sup>2</sup> compõem a área urbana, o município de Uberlândia é caracterizado por apresentar intenso crescimento populacional, no ano de 2007, segundo dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -, o município contava com uma população de 608.369 habitantes, sendo que, destes 589.325 habitantes estavam na área urbana. A densidade demográfica do município é de 147,81 pessoas por Km<sup>2</sup>, e a densidade demográfica urbana é de 2.690,98 pessoas por Km<sup>2</sup>.

<sup>5</sup>Divisão do Estado de Minas Gerais em 12 mesorregiões geográficas, segundo a organização político-administrativa proposta pelo IBGE.

Além dos incentivos políticos nacionais para a implantação de empreendimentos e desenvolvimento das cidades médias, a política econômica adotada pelo município de Uberlândia, voltada para assegurar os interesses da elite local, também viabilizou a implantação de diversos projetos e investimentos. Isso possibilitou o progresso e a modernização da cidade.

Na década de 1970 a presença da base infra-estrutural, já consolidada, possibilitou à Uberlândia a atração de bens, investimentos, movimentos migratórios, bem como à expansão das atividades de comércio e serviços. Posteriormente, a partir das décadas de 1980 e 1990 quando se dá a intensificação do processo de globalização, são observáveis intensas mudanças na divisão territorial e social do trabalho, incrementando dessa forma o dinamismo da cidade.

Ferreira (2002) ressalta que os serviços produtivos e de comércio instalados em Uberlândia, destacam-se como elementos impulsionadores do crescimento demográfico da cidade, conforme representado na tabela 1.

**Tabela 1: População Total do Município de Uberlândia-MG**

População Residente por ano			
Ano	População Total	Pop. Urbana	Pop. Rural
2006	600.368	585.719	14.649
2005	585.262	570.982	14.280
2004	570.042	556.133	13.909
2003	552.649	539.162	13.487
2002	534.943	521.888	13.055
2001	517.804	505.167	12.637
2000	501.214	488.982	12.232
1996	438.986	431.744	7.242

Fonte: BDI – Banco de Dados Integrados Resumido de Uberlândia

De acordo com os estudos de Miranda (2008), Uberlândia destaca-se como o terceiro maior núcleo urbano do Estado de Minas Gerais e o maior da mesorregião do Triângulo Mineiro. Além de ser, em nível de Brasil, a segunda maior cidade interiorana, menor apenas que Campinas, localizada no Estado de São Paulo.

As cidades médias vêm apresentando índices de crescimento populacional, geralmente, acima da média nacional, e em Uberlândia isso não é diferente. Conforme ressaltado por Bessa (2001), esse crescimento é favorecido pela significativa presença de elementos da modernização tecnológica, bem como, em decorrência da atratividade exercida por essas cidades no processo de reversão da concentração populacional dos grandes centros.

Além disso, o dinamismo das cidades médias deve-se além dos fatores endógenos supracitados, também a elementos como: a desconcentração e descentralização da atividade industrial, a periferação das metrópoles, expansão das fronteiras agrícolas e de extração mineral e a atração de investimentos para regiões com a economia defasada (Ferreira, 2002).

Nesse contexto Bessa apud Ferreira (2002), atenta que

(...) Uberlândia desenvolveu novas funcionalidades urbanas e tornou-se diferenciada em decorrência das especialidades criadas, que, por sua vez, foram capazes de gerar complementaridades regionais, ampliando e aprofundando, sobremaneira, o volume e a intensidade das interações espaciais, que passaram a ocorrer por meio de *horizontalidades e verticalidades*, ou melhor, por meio de arranjos espaciais definidos mediante interações contínuas e descontínuas, respectivamente (BESSA apud FERREIRA, 2002).

## Os processos de Centralização e Descentralização

A identificação e qualificação da estrutura e das formas de organização do espaço urbano são imprescindíveis à compreensão de sua dinâmica e aos trabalhos de planejamento. Assim, nos estudos acerca do espaço urbano, o embasamento, em teorias clássicas como a dos lugares centrais de Christaller constitui-se um método eficaz.

Segundo essa teoria, desenvolvida na década de 1930 e intensamente aplicada pelos geógrafos a partir dos anos 1950, a região se define por seu centro, sendo que a diferenciação entre as áreas se estabelece pela existência dos lugares centrais. Para a identificação das áreas centrais é necessário que se considere a noção da centralidade e a interação entre esses lugares centrais e suas áreas de influência (Duarte, 1974).

Ademais, a constituição dos lugares centrais, não significa a permanência dos mesmos como centrais, pois as áreas tornam-se ou deixam de ser centrais de acordo com a aglomeração de atividades, sendo assim, Villaça (2001), afirma que nenhuma área é centro.

Os lugares centrais apresentam uma diferenciação em relação aos demais, e mantêm com estes uma interação através da concentração e dispersão de fluxos. A aplicabilidade da teoria da centralidade de Christaller é ampla, podendo ser adaptada segundo a concepção de lugar central considerada. Neste sentido, Lima Filho (1975) coloca que o conceito de cidade como lugar central, “explica simultaneamente a interação das cidades na sua posição relativa no espaço geográfico e o grau das funções de lugar central a serem desempenhadas dentro de seus limites”.

Grande parte dos estudos utilizando essa teoria são de escala macrorregional, principalmente, a fim de analisar as influências regionais das cidades. Neste sentido, as cidades com maior diversidade de bens e serviços a serem oferecidos constituem, hierarquicamente, cidades centrais em relação às demais. Essas cidades, por sua vez possuem as atividades centrais, as quais segundo Santos (1994) se dispõem em rede e sistema, interessando à totalidade dos núcleos urbanos, não importa onde estejam localizados.

Adequando, a teoria para o nível intra-urbano, também é possível estabelecer centralidades nas cidades, pois, a área central e as novas centralidades, com destaque para as atividades comerciais são capazes de estruturarem economias de escala e aglomeração, gerando intensa movimentação de pessoas e bens.

Para Villaça (2001) o termo centro urbano pode referir-se aos centros tradicionais, históricos, por exemplo, o Central Business District - CBD, ou pode designar áreas centrais mais amplas – os centros expandidos. Para Castells apud Villaça (2001) o CBD constitui de infra-estrutura de telecomunicações, comunicações, serviços urbanos e espaços para escritórios, baseados em instituições tecnológicas e institucionais. Ele prospera a partir do processamento de informações e funções de controle. Às vezes é completado por instituições de turismo e viagens, além das atividades culturais.

Sposito (1991) por sua vez, ao estudar a área central das cidades capitalistas, a qualifica e conceitua da seguinte forma

o centro não está necessariamente no centro geográfico, e nem sempre ocupa o sítio histórico onde esta cidade se originou, ele é antes de tudo ponto de convergência/divergência. é o nó do sistema de circulação, é o lugar para onde todos se dirigem para algumas atividades e, em contrapartida é o ponto de onde todos se deslocam para a interação destas atividades aí localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela. Assim, o centro pode ser qualificado como integrador e dispersor ao mesmo tempo (SPOSITO, 1991).

A origem do processo de centralização e a consolidação da área central, segundo Corrêa (1995), é consequência do modo capitalista de produção. Foi a partir da necessidade de inter-relacionar com a hinterlândia, por meio de fluxos de capitais, mercadorias, pessoas e ideologias, que surgiu nas cidades um ponto de concentração das atividades de comércio e serviços. Nesse ponto “central”- sob a óptica dos lugares centrais de Christaller - estavam os principais terminais de transportes que garantiam a eficiência dos fluxos. Segundo Vaz (1994), até a fase pré-industrial do capitalismo o centro era a sede de poder da cidade, sendo que, após esta fase esse se torna também ponto de convergência de fluxo inter-regionais.

Villaça (2001) coloca que devido a essa concentração de atividades, serviços e meios de transporte a área central tornou-se principal ponto de acessibilidade da cidade. Essa acessibilidade reflete no valor de uso<sup>6</sup>, quanto mais acessível maior é o valor da terra. Sendo assim, a acessibilidade é determinada pela centralidade, que por sua vez determina o valor do uso do solo.

Em decorrência dessa acessibilidade alcançada pela área central devido à presença dos fixos, representados pelas atividades de comércio e serviços e meios de transportes, e dos fluxos, representados pela intensa movimentação de bens materiais e imateriais na área central, essa se constitui a “região funcional” da cidade. Sendo assim, para beneficiar da acessibilidade e da economia de aglomeração, tradicionalmente, a área central era local das atividades de comércio e serviços, cujas atividades possuem elevada capacidade de polarizar os deslocamentos das pessoas.

Inicialmente as cidades apresentavam-se monocêntricas<sup>7</sup>. Contudo, após a segunda guerra mundial, com a intensificação da urbanização e do crescimento da malha urbana, combinados com a expansão da indústria automobilística e com a difusão do uso do automóvel, nota-se, primeiramente nas metrópoles, uma reestruturação do espaço urbano, com surgimento de novas centralidades. Desse modo, as cidades passam a ser policêntricas.

Portanto, o crescimento da cidade - tanto espacial quanto demográfico -, o aparecimento das deseconomias de aglomeração na área central e a acumulação capitalista, são processos fundamentais para a concretização da descentralização.

Corrêa (1995) explica a ocorrência do processo de descentralização por meio das transformações na área central, tais como: valorização da terra, congestionamentos, redução de espaços, aumento das restrições legais e perdas de amenidades, concomitantes a transformações nas áreas não centrais como: terras com menor valor, presenças de infra-estrutura e de transportes, fatores atrativos naturais – relevo, controle no uso do solo, e amenidades.

Como capitalismo monopolista ocorre à centralização do capital e a descentralização espacial conforme atenta Corrêa (1995), para assegurar a acumulação capitalista, a localização junto ao mercado consumidor é propícia para as empresas conseguirem auferir maiores lucros. Sendo assim, muitas empresas deslocam da área central ou mesmo criam filiais em áreas não centrais.

A concretização do processo de descentralização é responsável por transformar, a estrutura da cidade com um todo. Em relação ao conteúdo da área central, de acordo com Mello (1997), o processo “minimiza o peso da variada carga da oferta e da demanda de funções”, uma vez que, permanecem na área central o comércio de produtos de baixa qualidade, serviços especializados, e atividades culturais “noturnas”.

---

<sup>6</sup> O valor de uso é decorrente do excedente da força de trabalho produtiva, de sua inserção em uma aglomeração, da presença de infra-estrutura é o valor de ponto (VILLAÇA, 2001).

<sup>7</sup> Apresentavam um único centro responsável por atender as demandas de toda a cidade.

Nas áreas não centrais, geralmente longe do núcleo central conforme afirma Berry (1968), tem-se o surgimento de diferentes categorias de centros funcionais<sup>8</sup>, bem como de áreas/eixos especializadas e shoppings centers, cujas categorias são determinadas, dentre outros fatores, pela condição socioeconômica da população e pelo tipo de serviço oferecido.

### **As novas centralidades de Uberlândia**

No contexto de intensificação do processo de globalização ocorre a padronização das formas espaciais e de consumo, a fim de possibilitar a reprodução do capital. Neste sentido, as atividades comerciais, para alcançarem maiores lucros são diretamente influenciadas por tal processo.

Além disso, na medida em que atuam na reprodução de capital, as atividades de comércio são diretamente influenciadas pelos padrões sócio-econômicos da população a qual são destinadas, assim como causam modificações nas formas espaço, gerando novas áreas dinâmicas e revalorizadas. Assim, inicialmente os centros comerciais surgiram para atender as classes marginalizadas socioeconomicamente e que não possuíam muita acessibilidade a área central.

Atualmente, devido às transformações em curso no espaço urbano, essa dinâmica de antes, decorrente da presença de bairros centrais para a burguesia e de bairros periféricos para as classes mais pobres é substituída por uma nova dinâmica em que a burguesia e o comércio a ela destinada se desloca da área central enquanto as classes baixas e as atividades de comércio e serviços de menor qualidades passam a ocupar o centro.

É nesse contexto, que a partir do processo de descentralização que surgem as novas centralidades. Esse fenômeno era característico das metrópoles, porém, as modificações recentes, propiciaram que o mesmo chegasse às cidades médias, comprovando a crescente importância dessa frente à rede urbana.

Em seu estudo sobre as novas centralidades nas cidades médias Souza (2008), destaca que as novas centralidades por vezes concentram-se atividades especializadas para uma determinada classe, não apenas reproduzindo o que é oferecido pela área central, por isso podem ser chamadas de novas centralidades. Essas novas centralidades podem ser representadas pelos Shoppings centers, eixos comerciais, áreas especializadas e os subcentros.

### **Os shopping centers**

Representando uma expressão da (re) estruturação do espaço urbano, nota-se principalmente após a década de 1980, o incremento no número de Shopping Centers inaugurados no país, mesmo com a redução do poder de compra dos consumidores. Inicialmente, era crescente o número de shopping centers localizados nas regiões das camadas mais ricas e posteriormente, na década de 1980, aumentou-se a quantidade de Shopping Centers localizados nas regiões de classes sociais menos abastadas.

Esse crescente número de shopping centers, explica-se porque esses são os locais ideais para satisfação das necessidades criadas pelo modo de vida baseado na cultura do consumo em massa. Além disso, Pintaudi (1992) destaca que o alto grau de

---

<sup>8</sup> A terminologia centros funcionais foi utilizada por Duarte (1974), Villaça (2001), por sua vez, utiliza o termo subcentros em vez de centros funcionais.

urbanização alcançado na década de 1980, bem como a concentração dos rendimentos financeiros, principalmente na região sudeste, também foram fatores que possibilitaram a proliferação dos Shopping Centers no Brasil. No ano de 1966 foi inaugurado em São Paulo o primeiro Shopping Center do Brasil, porém o boom dos Shopping centers ocorreu após a década de 1970.

Os shopping centers são empreendimentos comerciais privados, em sua administração é responsável pelo funcionamento e estrutura dos mesmos. De acordo com Sposito (1991), no contexto de descentralização e formação de novas centralidades o shopping Center

(...) se constitui numa reprodução, em uma nova localização, de atividades que tradicionalmente ocupavam o centro principal e/ou eixos comerciais no interior da cidade. Tais atividades são, principalmente, comerciais e de serviços (estes ligados ao lazer como cinemas, restaurantes, lanchonete, e eventualmente serviços bancários) (SPOSITO, 1991).

A implantação do Shopping Center em determinado local é motivada pelas características da área, assim eles tendem localizar-se próximos às vias expressas, onde haja espaço disponível e também onde está concentrada a população de alta renda. Os Shopping Centers, assim como as redes de supermercados a eles associados como lojas âncoras, buscam uma maior rentabilidade espacial, dessa forma, o monopólio do espaço, constitui-se num mecanismo eficiente para a acumulação de capital.

Devido à espacialização dos Shopping Centers é reforçada a dependência do automóvel, uma vez que pela localização dos mesmos, torna-se necessário para o deslocamento o uso de transporte automobilístico. Dessa forma, diante da necessidade do intenso uso do automóvel para o deslocamento até os Shopping Centers, é desencadeada uma concentração de tráfego em seu entorno, que num curto período temporal muda a dinâmica espacial da área.

Em Uberlândia o primeiro Shopping Center foi inaugurado em 1987. Esse shopping era denominado Ubershopping e localizava no setor Sul da cidade. Tal empreendimento não prosperou, e atualmente funciona neste local uma Instituição de Ensino Superior.

Posteriormente no ano de 1992 foi inaugurado no bairro Tibery, setor leste da cidade, o Center Shopping, cujo empreendimento no ano de 2007 apresentava uma área total de 90.000 m<sup>2</sup>, distribuídos em 79.000 m<sup>2</sup> de área construída e 31.000 m<sup>2</sup> de área bruta locável. Esse shopping Center apresentava uma diversificada gama de atividades e serviços, cerca de 200 lojas e 10 salas de cinema que estão distribuídas em seus seis pisos. A administradora Center Shopping é responsável por esse empreendimento que se apresenta em constante crescimento.

A instalação do Center Shopping constitui-se um marco importante no desenvolvimento das atividades de comércio e serviços em Uberlândia, uma vez que esse possui destaque regional devido aos seus equipamentos, sendo responsável por deslocamentos de pessoas de toda a região para essa cidade.

Em decorrência da extensa utilização do automóvel pelos consumidores que freqüentam os shoppings centers, o estacionamento do Center Shopping apresentava capacidade para 2500 veículos. Porém, devido à alta demanda esse número de vagas no estacionamento muitas vezes mostrou-se insuficiente. Sendo assim, no final do ano de 2008 iniciou as obras para ampliação do estacionamento do Center Shopping.



## **Os eixos/áreas especializadas**

As atividades comerciais centrais podem se alocarem em eixos/áreas específicas, geralmente, ao longo de vias de grande circulação de veículos, para esse processo Cordeiro (1980) e Sposito (1991) utilizam a denominação “desdobramento da área central”, pois essas “novas centralidades” apresentam de forma selecionada certas atividades tradicionalmente centrais, e não são a expansão geográfica – são descontínuas ao centro principal ou aos subcentros. Ademais, esse processo é visto como uma multiplicação, um desdobramento espacializado na área urbana, dependendo do público a ser atingido. A ocorrência desse processo iniciou na década de 1970 nas metrópoles e na década de 1980 nas cidades médias.

Nessas novas centralidades não há, como nos subcentros, a reprodução em menor escala de quase todas as atividades centrais, são apenas certas atividades que as constituem. Nesse sentido, Villaça (2001) afirma que os eixos comerciais especializados apresentam um frágil poder estruturador devido ao reduzido número de viagens que o cliente realiza para atender a sua necessidade.

Ao considerar as características e conceitos atribuídos aos eixos especializados e de acordo com a Secretária de Planejamento Urbano e Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Uberlândia, destacam-se como os principais eixos comerciais da cidade: as Avenidas Governador Rondon Pacheco, João Naves de Ávila, Getúlio Vargas e parte da Avenida Nicomedes Alves dos Santos. Cada um destes eixos comerciais apresenta particularidades e peculiaridades em relação às atividades de comércio e serviços nele presentes.

A Avenida Rondon Pacheco caracteriza-se como uma das avenidas de maior fluxo da cidade, uma vez que, por meio dela tem-se acesso a vários bairros em diferentes setores da cidade, esta avenida pode ser dividida em três setores, sendo que no primeiro – da Rua Bernardo Sayad até o cruzamento com a Av. João Naves de Ávila onde predominam os hotéis, locadoras e concessionárias de automóveis, no segundo setor – do cruzamento com a Av. João Naves de Ávila até a Nicomedes Alves dos Santos onde estão concentrados grande parte dos bares, boates, restaurantes e sorveterias da cidade, e posteriormente – após a Nicomedes Alves dos Santos até o Praia Clube, no qual tem-se a presença de supermercados, hipermercado, hospitais e lojas de artigos para decoração.

A Avenida João Naves de Ávila liga a área Central da cidade à BR 050, possui o corredor estrutural de transporte urbano desde o ano de 2007 constitui outro eixo comercial da cidade de Uberlândia. Essa Avenida pode ser dividida em dois setores: do Terminal Central até o cruzamento com a Avenida Rondon Pacheco que apresenta uma diversidade em suas atividades de comércio e serviços, destacando-se o predomínio de hotéis, restaurantes e imobiliárias, e após a Avenida Rondon Pacheco até a BR 050, onde predominam as atividades ligadas ao automóvel (concessionárias, revenda, autopeças etc.) e material de construção.

A Avenida Getúlio Vargas liga a zona periférica do centro aos bairros do setor Oeste da cidade. No Início deste eixo comercial – da Rua Quintino Bocaiúva até seu cruzamento com a Avenida Marcos de Freitas Costa predominam as atividades médico-hospitalares, sendo assim, encontram-se nesse segmento do eixo comercial os principais hospitais particulares da cidade, clínicas especializadas, laboratórios e farmácias, e o mercado municipal. No trecho entre a Avenida Marcos de Freitas Costa e a Avenida Olímpio de Freitas, encontra-se maior diversidade de atividades, das quais cabe destacar

a presença dos supermercados – Bretas e D’Ville -, além de lojas de departamento, de artigos para decoração, e de material para construção.

### **Os Subcentros tradicionais**

Os subcentros apresentam uma aglomeração diversificada de atividades complementares às atividades da área central. Essas atividades os caracterizam e estão representadas pelas lojas de departamento, filiais de lojas do centro, profissionais liberais, restaurantes dentre outras. Simplesmente, a presença de mercearias, bares, padarias e/ou outras pequenas atividades comerciais de pequeno porte – os chamados comércios de bairro - nos centros funcionais, não os caracterizam.

Dependendo da variedade de atividade das atividades de comércio e serviços presente nos subcentros, bem como do grau de desenvolvimento alcançado, em relação à frequência e à especialização na distribuição das atividades terciárias da existência ou não de outro centro funcional, da posição geográfica e do sítio deste, dos meios de transporte e comunicação que o ligam a outros pontos, e do padrão socioeconômico da população, conforme afirma Duarte (1974), os subcentros são geradores de fluxos de vários setores da cidade, e, portanto, apresentam poder estruturador conforme afirma Villaça (2001).

Em relação frequência das funções dos centros funcionais, estes podem ser classificados e hierarquizados. De acordo com Duarte (1974) identifica-se três diferentes categorias de centros funcionais, os de primeira categoria ou centros equiparados, os quais somam mais de doze funções; os centros funcionais de segunda categoria ou subequiparados que apresentam de oito a doze funções, porém sendo estas funções incompletas; e os centros funcionais de terceira categoria ou não equiparados, os quais somam de quatro a sete funções e estão próximos aos centros funcionais de hierarquia superior desempenhando a função de complementaridade. Para essa classificação é importante que seja considerada a presença dos serviços e bens de consumo pouco frequente, pois estes apresentam uma localização mais restrita.

Na cidade de Uberlândia, diferente do estabelecido pelo Plano Diretor da cidade em seu capítulo V, seção I, artigo 20, que trata do uso e ocupação do solo no espaço urbano, e para tanto considera como subcentros os seguintes bairros: Luizote de Freitas, Tibery, Planalto, São Jorge, Santa Mônica, Santa Luzia, Tubalina e Presidente Roosevelt, considerando o referencial teórico e a pesquisa de campo foram identificados, os seguintes subcentros tradicionais: Luizote de Freitas/Jardim Patrícia, Santa Mônica, Planalto, São Jorge/Granada e Presidente Roosevelt (SOUZA, 2008).

Essa contradição de informações pode ser explicada pelo fato de que, para a elaboração do plano diretor não foram seguidos critérios com embasamento científico, mas, considerou-se o traçado das principais vias que cortam a cidade. Ao passo que, para o levantamento dos subcentros tradicionais nesse estudo a bibliografia de estudos geográficos que trata da temática foi considerada essencial. Assim como, os modelos e tipologias descritas por teóricos serviram para a definição dos subcentros.

Dentre os subcentros identificados, dois deles estão localizados no setor Oeste da cidade, o do bairro Luizote de Freitas/Jardim Patrícia e o do bairro Planalto. O primeiro destaca-se como o mais importante subcentro da cidade, uma vez o mesmo atende a uma quantidade significativa da população. Assim, pode-se inferir que ele possui alcance regional, pois atende não somente a população do bairro, mas também outras áreas deste setor da cidade, como os bairros: Dona Zulmira, Jardim Europa, Mansour e Tubalina. Dessa forma, podemos dizer que o subcentro do Luizote de

Freitas/Jardim Patrícia é completo e diverso, capaz de atender a maioria das necessidades da população. O segundo, por sua vez, apresenta menor pujança em relação ao primeiro e, conseqüentemente a área de alcance é mais restrita; ele atende, basicamente, à população do bairro Planalto, podendo exercer pequena influência à população do bairro Jaraguá.

No setor Norte da cidade, localiza-se o subcentro do bairro Presidente Roosevelt, o qual atende, fundamentalmente, a população dos bairros Jardim América, Jardim Brasília, Liberdade, Pacaembu e Santa Rosa. Apresentando assim, significativa importância ao atendimento da população residente neste setor da cidade.

No setor Leste de Uberlândia, encontra-se o subcentro do bairro Santa Mônica, o qual atende a população dos bairros Carajás, Pampulha, Santa Luzia, e Segismundo Parreira. Este subcentro consolida-se com a ampliação da Universidade Federal de Uberlândia no Campus Santa Mônica, com as inaugurações do Center Shopping em 1992 e do Centro Administrativo e da Câmara Municipal em 1993.

Finalmente no setor Sul da cidade, encontra-se o subcentro que se estende ao longo dos bairros Granada e São Jorge. Não há como separar esse subcentro em função dos limites dos bairros, devido à continuidade de suas atividades de comércio e serviços, assim como, pela relação intrínseca dos fluxos da população aos estabelecimentos comerciais daquela área. Neste sentido o subcentro atende, além dos bairros em que está inserido, o Laranjeiras, o Buritis e o Santa Luzia.

### **Considerações Finais**

O espaço urbano é a expressão da sociedade cristalizada ao longo do tempo (CASTELLS, 2000). Destarte, se a sociedade passa por transformações novas formas e processos espaciais são impressos nas formas socioespaciais.

As transformações no padrão demográfico do país, somada a intensificação do processo de globalização ocorridas nas últimas décadas provocaram uma complexificação funcional e uma ampliação do mercado e, por conseguinte uma reestruturação na cidade de Uberlândia e em suas atividades de comércio e serviços.

Nas regiões metropolitanas, o processo de descentralização surgiu a partir da década de 1910, com o subcentro do Brás, em São Paulo (VILLAÇA, 2001). Nas cidades médias esse processo ocorre na década de 1970, visto a pujança do desenvolvimento alcançado pelas mesmas. Isso contribuiu para aumentar ainda mais a importância dessas cidades na estrutura urbana.

Assim, em Uberlândia o processo de descentralização ganha destaque com o surgimento dos subcentros e eixos comerciais na década de 1980 e com a implantação do Center Shopping no início dos anos 1990.

Como consequência dessa reestruturação, verifica-se, a atração de estabelecimentos comerciais do centro para outras áreas da cidade, além de uma articulação das novas centralidades com a área central, via inauguração de filiais dos empreendimentos localizados na área central nos subcentros. Esse processo visa facilitar o acesso da população aos bens de consumo, e desencadeia mudanças nos fluxos intra-urbanos e nas atividades exercidas pelas pessoas.

O surgimento das novas centralidades, conforme atentado por Corrêa (1995), de certa forma repete o fenômeno da centralização, bem como minimiza a hegemonia da área central na localização das atividades terciárias, ao mesmo tempo em que complexifica a organização intra-urbana. Desse modo, a fim de compreender a produção e a reestruturação dos espaços urbanos, é fundamental entender o papel do

centro e das centralidades como resultado do crescimento das cidades sob a óptica da (des) centralização.

## Referências

AMORIM FILHO, O. B; S. R. V. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. In: ANDRADE, T; SERRA, R.V. (orgs). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. p. 1-34.

BESSA, Kelly Cristine Fernandes de Oliveira. **Constituição e expansão do meio técnico – científico – informacional em Uberlândia: o lugar na era das redes**. Uberlândia: Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, 2001.

BERRY, B. J.L. General Features of Urban Commercial Structure. In: **International Structure of the city- Readings on Space and Environment**. Bourne, Larry (ed). Toronto: Oxford University Press. 1968. p. 361 – 367.

CASTELLS, M. A questão urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CORDEIRO, H. K. **O centro da Metrópole Paulistana: Expansão Recente**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia, 1980.

CORREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. **Trajetórias Geográficas**. 3ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 302 p.

DUARTE, H. da S. B. A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 36 (1), p.53-98, jan./mar, 1974.

FERREIRA, W. R. **O Espaço Público nas Áreas Centrais: A Rua como Referência – Um estudo de caso em Uberlândia**. Uberlândia - MG. Tese (Doutorado) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

LIMA FILHO, A. de O. **Distribuição Espacial do Comércio Varejista da Grande São Paulo**. São Paulo: Instituto de Geografia – USP, Série Teses e Monografias, 15, 1975.

MELLO, J. B. F. de. Explosões e Estilhaços de Centralidades no Rio de Janeiro. **Revista do Departamento de Geografia**. Rio de Janeiro, nº 2: 51-64, Dez. 1997.

OLIVEIRA, H. C. M. de. **Em busca de uma proposição metodológica para os estudos das cidades médias: reflexões a partir de Uberlândia (MG)**. Uberlândia-MG, 2008.364f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

PINTAUDI, Silvana Maria. O *shopping centers* no Brasil: condições de surgimento e estratégias de localização. In: PINTAUDI, Silvana Maria e FRÚGOLI Jr., Heitor (orgs): **Shopping centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

PREFEITURA MUNICIPAL D UBERLÂNDIA. Lei Complementar nº. 432, de 19 de outubro de 2006. Aprova o Plano Diretor do município de Uberlândia, estabelece os princípios básicos e as diretrizes para sua implantação, revoga a Lei Complementar nº. 078 de 27 de abril de 1994 e dá outras providências. **Diário Oficial do Município**. Uberlândia, MG, 23 out. 2006. Ano XVIII, n. 2541-A.

SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**; Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SOUZA, M. V. M. de. **Novas Centralidades nas Cidades Médias: análise do subcentro do bairro Santa Mônica, Uberlândia (MG)**. 2008. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008. Uberlândia.

SPOSITO, M. E. B. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista de Geografia**, São Paulo, v. 10, p.1-18. 1991.

VAZ, L. F.; SILVEIRA, C. B. A Área Central do Rio de Janeiro: Percepções e Intervenções – Uma Visão Sintética no decorrer do século XX. **Cadernos IPPUR/UFRJ**, ano VIII, nº2/3, Set./Dez. 1994.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.